

AURAS DO NORTE

PARNAHYBA-PIAUIY
30 4-1911

Folha quinzenal, critica, noticiosa e litteraria
Redactores diversos

ANNO I N. 2



EXPEDIENTE

PREÇOS DE ASSIGNATURAS:

Por mez. 500
Trimestre 1\$500
Numero avulso 300

Esta folha sahira em dias in-
determinados.

*Tudo e qualquer negocio á tra-
lar com o Gerente.*

J. F. Dutra

AURAS DO NORTE

Não foi sem causa que es-
colhemos o dia 20 em vez de
15 do findante mez para fazer
circular o primeiro numero des-
te nosso modesto periodico quin-
zenal, porquanto se passava n-
quelle dia o anniversario nati-
cicio do eminente brasileiro,
Senhor Barão do Rio Branco,
cujo vulto insignie muito honra
e engrandece a esta Patria, que
segundo disse o grande escri-
ptor brasileiro, Affonso Celso,
é a mais bem aquinhoadá pela
Natureza—encerrando maravi-
lhas sem emulas no Universo!

Assim, pois, julgamos felizés
e propicio o dia que escolhe-
mos para a nossa estréa, pelo
que estamos satisfeitos por ter-
mos recebido um humilde porem
sincero culto de homenagem ao
egregio diplomata brasileiro,
mais uma razão para ter sido
tão fidalgamente acolhido o
«Auras do Norte», tanto que
hoje registramos satisfeitos o
penhor da nossa eterna grati-
dão ás diversas pessoas desta ci-
dade que nos honraram com suas
assignaturas, demonstrando gen-
tilmente uma nobre manifestação
de solidariedade aos filhos des-
ta terra que desejam trabalhar
pelo seu desenvolvimento e pe-
lo seu progresso!

☉ Gandolim

A toi, fleur

Chora e soluça bandolim amado,
De cordas finas de estalar nervoso;
Pois quero ouvir o teu trinar saudoso
Quero escutar o teu vibrar magoado.

Quero beijar te bandolim sagrado,
Para que possas me fazer ditoso;
Quando teus sons em desprender queixoso
Ao vento soltas no vibrar magoado.

E quero ouvir o teu cantar celeste
Visão tão pura que o meu peito adora
O' Deusa extranha, ó flor ultraceleste!

Sinto no peito uma paixão tão louca,
Quando o teu vulto perto ao meu desceira
Que vejo as rimas ao sahir da bocca.

F. Trajad

Esta demonstração de no-
breza de sentimento muito con-
corre para o nosso enthusiasmo
e dedicação pela longa existen-
cia desta pequenina folha, ati-
rada ao doce murmuro das au-
ras desta particula do Norte do
Brazil, que embora abandonada
e esquecida, marcha floréscente
e cheia de esperanças em um fu-
turo mais digno e mais risenhol

Continuaremos, portanto, a
traballar, confiados não somen-
te no concurso de nossos con-
terraneos e co-estadarios, como
no dos demais amigos e apre-
ciadores da mocidade que ini-
cia lentamente a ardua tarefa
da imprensa.

Raymundo A. Chagas

Obedeendo os impulsos de
sua alma de moço e de poeta,

que, semelhante a nma grande
não precisa de um mar largo e
profundo para evoluir serena e
magentosamente, deixou-nos, pa-
ra ir saciar a sua fome de saber,
na formosa terra de Iracema, o
nosso intelligente companheiro
de redacção cujo nome é a in-
signia que valoriza estas linhas.

Ainda mesmo sob os primei-
ros enthusiasmos de uma mocida-
dade toda primaveril, o nosso
querido companheiro possui já
bem acéntada a sua vocação
para os grandes combates da
palavra e da penna e fortale-
cer-se para ellas é que partito
em busca de novos elementos.

Fazemos votos de boa visgem
e que os seus estudos sejam
coroados bem cedo, com os lou-
ros de grandes triumphos.



EM SONHO

O sonho é sempre uma verdadeira ilusão!

Muitas vezes nos faz passar embora momentaneamente, por uma grande alegria, por uma grata recordação, por uma saudososa lembrança, trazendo-nos assim, alguma felicidade, que jamais nos esqueceremos.

Ha bem poucos dias, n'uma dessas bellas noites de luar, que tudo encanta e provoca alegria ao mais triste vivente, achava-me a contemplar o lindo espectáculo da natureza, quando senti um desejo ardente de descansar das fadigas do trabalho do dia, o que fiz, e finalmente adormeci.

Pouco tempo depois, achava-me transportado nas azas diaphanas do sonho, á um lindo e pitoresco sitio, para mim completamente desconhecido. Nesse lugar, onde em tudo parecia reinar á felicidade, haviam brancas e lindas flores, cujo perfume deliciosamente embregava quem por ali passava. Ouvia-se o saudoso ruido das palmeiras, e o leve murmurio de um fresco e limpido regato que ao lado passava. Finalmente, via se lindos e alegres passarinhos, que, pulando e cantando de galho em galho, entoavam saudoso hymno ao grande creador da Natureza. Era um verdadeiro paraíso.

Havia uma unica casa, singella, despida de riqueza e de luxo, situada no centro do sitio, tendo a frente para o nascente, por onde recebia o saudavel vento leste, que de certo muito delectaria os seus felizes habitantes.

Abaixo do tosco portão, havia uma pessoa sentada em um modesto banco; essa pessoa, que achava-se vestida de um branco purissimo, era uma mulher tão pura como a soberana das fadas, e tão magica como as deusas do Olympo, era a mulher do meu coração, a mulher do meu pensamento, e a mulher que me inspirava!

Quando a vi, tão meigamen-

te contemplando o azul infinito, immerso em jubilo, corri ao seu encontro.

Ella ao ver-me, como que agradavelmente surprehendida, repleta de alegria, deu um mysterioso grito e cahio sem sentidos. Amparei-a com os meus braços, e pude contemplar de perto os seus grandes, vivos e brilhantes olhos, o seu lindissimo rosto corado, e os seus bellos e reluzentes cabellos.

Admirando-a assim, entasiado, já quasi sem sentido, sem animo, sem vida, e febrilmente apaixonado, procurei a sua encantadora bocca, cofre mimozo de uma serie de alvos e lindos dentes, e deixei escapar um longo e apaixonado beijo....

N'esse acto de verdadeira felicidade, desmaei-me e cahi exausto de prazer, em um novo e pesado somno.

Neste somno, encontrei-me novamente com a mesma virgem, e, como si nada tivesse acontecido, sahimos um ao lado do outro, voando como dois pombinhos pelo espaço infinito.

Apreciavamos as passagens das espessas e escuras nuvens que corriam ligeiramente, e admiravamos as brilhantes e scintillantes estrellas, espalhadas pelo firmamento.

Quando desse novo somno acordei, já a minha querida tinha voltado ao seu estado natural, e estava carinhosamente me vigiando. E ao vel-a assim tão terna e deslumbrante, quiz mais uma vez cingil-a; porem, ella delicadamente afastou-se de mim, e disse:—Espera, espera! que o tempo chegará... e mysteriosamente desapareceu.

Quando voltei aos meus primitivos sentidos, não sabia se vivia ou se ainda continuava sonhando, pois ao acordar, indistinctamente, pronunciei as tres suaves syllabas do seu mimoso e saudoso appellido; e, tinha ainda bem gravada em minha mente os seus formosos e encantadores traços.

L. Temanetri

PERFIS

II

A *demoizelle* a quem pertence este perfil, nem todos poderão descrever, pois, o grande trabalho que temos em descobrir alguns traços physicamente ideais a estas Deusas soberanas, muito agradaria ao leitor, se agaso comprehendesse a dificuldade que encontramos.

E' de uma maneira simples que burilo:

Faceira, galante, amavel, um pouco conversadeira e de um mysterioso olhar, terço e piedoso. Está na alvorada sorridente da juventude, quatorze annos.

Tem uma irmã mais velha que é todo o seu carinho e belleza.

O seu andar de alavez e seductor, faz lembrar as travessuras de Cupido.

Aprecia muito os bailes e poucas vezes vai os Cinenas.

Mora na rua mais animada desta cidade.

Sempre quando a vejo na janella com sua irmã mais velha, mysteriosamente divina, ouço na sua bocca os jorros das rimas desfiarem nos meus ouvidos como rouxinoes trinado ou sabiás nas verdejantes palmeira intileiradas de leques.

Nas igrejas a pessoa que mais ali venera e quando ajoelha no altar tão galante ante o Christo, sinto que elle proprio a namora, pois:

Quando os olhos para os céus levanta
Inundados de mystica doçura
Não parece mulher, parece santa!

Quisa

ELLES

II

Apesar do tempo enfarrascado que escurece o atelier, posso focalizar no plano de mira da minha camera negra o perfil apalmeirado de um filho destas redondezas.

Éil-o que apparece:

Moreno, olhos grandes e largamente espaçados num rosto sympathico, alto como os morros de sua terra, dançador, cor-

tez, gentil, narigudo e muito capora nas suas pretensões a ser marido, talvez por não ter bigodes.

Não fosse a sua prematura orphandade seria hoje medico, advogado ou vigário em Amarração, onde recebeu os primeiros afagos da luz e as aguas lustraes do baptismo.

Mesmo assim, poderia ainda negociar um diploma scientifico, se as suas aspirações de hoje não estivessem resumidas no grande desejo de entrar para a fazenda, mesmo pela porta de qualquer Alfandega da roça.

Por enquanto elle vai cavando a vida no Commercio, sizada e honestamente. Entre os collegas é um vulto de grandes sympathias e sabe fidalgamente corresponder affectos e gentilezas.

Desde menino tem aversão pela poesia e pela muzica; tem gosto, entretanto, para linguas e sciencias.

Versado na lingua franceza elle diz que presentemente a syntaxe do *il n'y a pas*, aguardando até, sobre isto, resposta a uma consulta que fez ao chefe do departamento da saude dos portos da moderna Gallia.

Sendo alto, forte, e corpulento, todavia, catholica e piedosamente tratam-no por um diminutivo de cousa sagrada, talvez por irrizão ou porque elle seja mesmo um objecto de devoção, pequenino, cheiroso e santo como um escapulario.

Pantoja

SECÇÃO CRITICA

Num baile estavamos com diversos estudantes, aliás *cinicos* em saber que poucas moças ali se achavam.

Todas sympathicas e quiz mostrar-se uma dellas um tanto *Soberana* perante aquelle grupo.

Tinha um matuto compenetrado que era *poeta, sabichão*, que foi pedir a opinião de um seu amigo (estudante), como poderia declarar aquella *soberana das flores* que tanto captiva o seu coração de joven e de *poeta*, sentindo uma paixão

tão fervente, tão eloquente e um pouco atrapalhado quando contempla aquelles grandes olhos.

O estudante pensou um pouco e levantando a cabeça disse ao matuto *sabichão* quando quizesse, declarar a qualquer pessoa:

Tu és a flor que desabrocha!

O poeta quando avistou a *Soberana dos seus anhelos* correu e disse perto ao ouvido a phrase innocentemente:

Brochá que a flor és desatá!

A moça coitada não esperou pelo resto da declaração.

Raspou-se.....

SERMÃO DE ENCOMMENDA

Um aldeão sonhando riquezas no Brazil, resolveu um dia deixar as margens do Minho e aportou no Rio de Janeiro.

Passaram se annos de trabalho e prosperidade.

O minhoto, já rico, teve então saudades da santa terrinha e tomou um paquete. Uma vez chegado a Lisboa, passou ao tio o seguinte telegramma:

Me espere amanhã no comboio das 7 e 45. Prepare manifestação espontanea, com foguetes, banda de musica, repique na ermida, esmolas aos pobres e um jantar na casa do Conselho.

Pagarei as despesas

Foi dito e feito.



ANNIVERSARIO

Completa annos no dia 4 de Maio o nosso amigo Euwaldo Rodrigues Serra, residente em Amarração.

Enviamos sinceras saudações.



VARIAS

Seguiram a 29 deste para a Capital do Estado, afim de continuar os seus estudos, os esperançosos jovens, Walbert Seixas, Walter Silva, Luiz Brandão Filho, e Clovis Guimarães.

Seguiram para a Capital da Republica os Srs. Jonas Correia e Bacharel L. Correia.

Seguiu para Fortaleza a companhia de seu sobrinho José de Mello Alencar, o Cirurgião dentista José de Mello.

Boa viagem a todos

Acha-se nesta cidade vindo de Manaus, onde deixou sinceras amizades e nosso amigo Raymundo Ferreira Lima, o qual tivemos a satisfação de abraçar.

Vindo do Ceará, tomou passagem no vapor Therezinese para a Therezina onde é empregado do correio, o nosso amigo Alvaro Reis.

Da Capital do Estado regressou a esta cidade o Sr. Joaquim Antonio dos Santos, capitalista e commerciante nesta praça.

Comprimntamos a todos.

Tem havido grandes concorrencias no Cinema Rio Branco.

Agradecemos com sinceridade as noticias da collega «Semana» em relação ao nosso apparecimento no campo das letras.

Accepta-se collaboração em nosso jornal, contanto que não se afaste do programma.

Consta-nos que brevemente será inaugurado o «Tiro Parahybano» n.º 147 da Confederação Brasileira.

Nos exercicios têm comparecido diversos socios.

Pelo vapor Therezinese sahido de Therezina á 20 do findante, vieram os seguintes passageiros:

José de Almendra Freitas com a Exma. familia, e os Senhores José da Silva Daltro, Cicero Baptista, João Baptista, João Moreira de Sampaio, Eustachio Alves Bezerra, José Alexandre de Carvalho Sobrinho, Raymundo Ferreira, Ozires Correia, Aribe Correia, Didéme Rezende, Hugo Sant'Anna, Antonio Oliveira e Roberto Araujo. Todos de União.

Cecilia Ney, Maria Ney e Leonelina Lima, irmãs do poeta Raul Ney da Silva, de Therezina.

O MAR

O mar é um grande avisa-
dor. Pó-lo Deus á-branir junto
ao nosso somno, para nos pré-
gar que não durmamos. Por ora
a sua protecção nós sorrir, an-
tes de se trocar em severidade.
Kuxergar no espaço correspon-
de a antever no tempo. A reti-
rá exercida nas distancias ha-
bitada-se a sondar o infinito como
a do marinheiro e a do alba-
troz.

Não se admittem surpresas
para o nauta: ha de advinhar a
atmosfera com o barometro, e
presentir a tormenta, quando ella
pinta apenas como uma mosca
pequena e longiqua na trans-
parencia da immensidade. O
mar é um curso de força e uma
escola de providencia. Todos os
seus espectaculos são poderosas
lições.

RUY BARBOSA

O BEIJO

Deus fez as mulheres
e as rosas, para ser-
virem de ninho ao
beijo dos poetas.

Olavo Bilac

Mesmo que seja roubado,
mesmo imprevisito, repentinamente,
embora seja uma traição,
as pessoas que se amam dese-
jam ter o prazer de beijarem-se
para sentir o doce perfume de
uns labios rubentes; unidos com
outros labios para deixarem um
halito em outro halito quente
e saturado de virtude, porque o
beijo é a maior delicia da vida,
é o mais terno affago de duas
almas amorosas!

Os pombos, os meigos pom-
bos os quaes são o bello qua-
dro exemplar do amor, vivem
de beijos, soltando os mais ter-
nos arrulhos!

Estes arrulhos, são gemidos
de prazer que saem do peito a
estremecer de gozo!

Qual é o maior agrado, a
mais doce caricia que um filho
faz a sua mãe?

E' o que elle faz quotidia-
namente!

Beija-lhe as mãos repetidas
vezes.

O beijo é um dilirio febril
de amor; é o ruído mais har-
monioso e mais suave que ou-

vimos da mocidade a velhice,
do berço ao tútulo!

Portanto não ha expressão
tão eloquente como o estalido
de um beijo na solidão! Ah
as almas dos entes queridos ele-
vam-se as alturas, confundem-se
com os anjos, depois descem
abraçados cantando o hymno
do amor e encontrando aquelles
amantes como petrificados, fi-
tam-nos frente a frente e nos
olhos um do outro leem o pra-
zer que gozavam a sensação que
os embriagou, porque o beijo é
o mel que nos embriaga a al-
ma e satisfaz o coração!

R. Petit.

O ultimo somno de Judith

Ninguém dizia que ella es-
tava morta, não estivesse na-
quelle caixãozinho dourado e
luctuoso.

Sua cabecinha gentil descan-
çava sobre uma almofada pe-
quena e lactea.

Sorria!

Porém um sorriso ver-
dadeiramente melancholico.

Pobre Judith!

Morreste!

Deixas que eu derrame
em tua campa o meu sentido
pranto!

No céu os anjos com
uma grinalda de flores cin-
gir-te-hão os teus cabellos
negros.

Oh! virgem dos meus so-
nhos dourados!

Não ouvirás jamais os meus
frivolos e saudosos gemidos!

Oh! Deus!

Guardae, guardae, para vós
este anjo innocente e puro.

O. F.

Os europeus preferem as pero-
las brancas; mais na China dão
mais valor ás perolas de um
amarello brilhante.

ELLA...

Adorabilissima virgem, que
na claridade sublime de seus
olhos, encontrei entre ma-
guas crystallas dos nossos
sonhos rutilos, o paraiso ideal
da minhas delicias.

E' amavelmente delicada essa
bella creatura, que tem os ca-
bellos lindos e scintillantes como
a cor de azeviche.

Suas mãos pequeninas e ma-
cias como o jasmim de Abril, e
puras como a neve, «semelhan-
tes nos dessas mysticas santas, cu-
jas imagens são cercadas de
«palmas e flores que se acham
nas Igrejas, onde são venera-
das pelos crentes».

Em dias de melancholia, sob
a immensa dor duma canção ar-
dente do meu sonho, eu vejo a
tua imagem, sacrilegamente, no
altar risinho de minha alma e re-
lembro-me dos doces momen-
tos da nossa convivencia, oh! a-
mabilissima virgem por quem
vivo e soffro tanto!

Dessa adoravel virgem, o que
tenho a dizer? . . .

Ah! apenas direi que os seus
olhos celestiales, são duas radi-
antes saphiras, esplendidas e
brilhantes, que fulguram nas tre-
vas da minha vida, como dois
santelmos, como duas grandes
estrellas que são a luz do meu
previr; «que passo o dia a con-
templar, lendo nelles a beatitu-
de paradisiaca do divinal amor
que consagro a ella».

Tambem direi que a sua voz
naviosa como dos pas-
sarinhos, recorda o doce gor-
geio do sabiá saudoso, e seus
pés alvos e pequeninos como
joias de cambraia, foram feitos
de neve apenas para pisar as
flores dos jardins encantados.

Meu coração é o escuro abys-
mo da noite martyrisante, da
dor «onde repousa uma pequena
santa do seu primeiro amor de
crenança, e do meu ultimo amor
de moço».

Se ella ainda fora sempre
amavel como agora . . .

Eu transformaria o meu ideal
num lindo castello, onde passa-
ríamos a vida num sonho de
rosas e seria feliz tanto ou mais
do que agora . . .